

## ESTÁGIO E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Camila Beatriz Balbino dos Santos<sup>1</sup>  
José Gabriel Farias de Brito<sup>2</sup>

### RESUMO

A unificação da pesquisa científica com a prática docente requer não somente a aplicação das teorias, mas da exploração, nesse caso, do âmbito educacional e dos fenômenos que o circulam. Concebemos, pois, importante, desde a formação inicial, uma investigação triádica: teoria-prática-reflexão. Nesse sentido, o processo formativo do docente ocorre em diversas instâncias e dependem da relação entre a teoria e a prática (Roldão, 2007). Essa concepção é validada no momento em que há imprevisibilidade do sistema na educação. Nessa esfera de discussões, um ponto de partida para possíveis reflexões são as pesquisas orientadas. Além das experiências em contextos reais de sala de aula, as quais moldam a identidade docente do professor em formação. Para tanto, atividades que permitem ao licenciando o contato efetivo com o ambiente escolar são consideradas indispensáveis. Portanto, objetivamos, neste trabalho, relatar as experiências vivenciadas por nós, enquanto professores-estagiários, alunos da licenciatura de Letras Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba (Campus-I), na disciplina de Língua Portuguesa, em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental II. O *locus* de nossa regência foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Antonino, localizada na Rua Carlos Alberto Souza (Bodocongó, Campina Grande - Pb). A partir disso, reconhecemos o estágio como uma prática enriquecedora, pois o aluno-estagiário, com a orientação do professor-supervisor, não apenas se debruça sobre as teorias estudadas, como também elabora atividades e sequências didáticas, que são postas em prática. Nesse âmbito, o aluno pode repensar suas práticas, na medida em que é exposto a um ambiente propenso à adversidade, repleto de sujeitos diversos, e perceber que tudo isso deve ser considerado para a construção de um ensino dialógico. Metodologicamente, esta pesquisa tem natureza exploratória-qualitativa e tem aportes teóricos ancorados nos postulados de PCN (1998), Roldão (2007), BNCC (2017), Rodrigues e Dantas (2019), entre outros.

**Palavras-chave:** Ensino de Língua, Formação inicial, Estágio Supervisionado, Relato de experiência.

### INTRODUÇÃO

Pesquisar é pôr-se em um lugar de investigação, por vezes, sensível. Por essa ótica, a unificação da pesquisa científica com a prática docente requer não somente a aplicação das teorias, mas da exploração, nesse caso, do âmbito educacional e dos fenômenos que o circulam. Na abordagem linear, ou seja, nos moldes tradicionais, a comunidade acadêmica desenvolve inovações nos estudos educacionais e os professores

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [camilabeatriz.balbino@gmail.com](mailto:camilabeatriz.balbino@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Letras português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [gabrielfariasletras@gmail.com](mailto:gabrielfariasletras@gmail.com).

aplicam-nas, na maioria das vezes, de forma passiva. Em razão disso, neste trabalho podemos usufruir, já na formação inicial, de uma investigação triádica: teoria-prática-reflexão.

Nesse sentido, como propõe Roldão (2007), o processo formativo do docente ocorre em diversas instâncias e dependem da relação entre a teoria e a prática. Essa concepção é validada no momento em que há imprevisibilidade do sistema na educação. Nessa esfera de discussões, um ponto de partida para possíveis reflexões são as pesquisas orientadas ainda na formação inicial. Além das experiências em contextos reais de sala de aula, as quais moldam a identidade docente do professor em formação.

Para tanto, atividades que permitem ao licenciando o contato efetivo com o ambiente escolar são consideradas indispensáveis. O estágio supervisionado constitui uma dessas práticas. A partir dele, o aluno-estagiário, com a orientação do professor-supervisor, não apenas se debruça sobre as teorias estudadas, como também elabora atividades e sequências didáticas que são postas em prática. Nesse âmbito, o aluno pode repensar suas práticas, na medida em que é exposto a um ambiente propenso à adversidade, repleto de sujeitos diversos, e perceber que tudo isso deve ser considerado para a construção de um ensino dialógico.

Objetivamos, neste trabalho, relatar as experiências vivenciadas por dois professores-estagiários do curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) na disciplina de língua portuguesa, em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental II, e, com base nos aportes teóricos de PCN (1998), Roldão (2007), BNCC (2017), Rodrigues e Dantas (2019), entre outros, refletir sobre a prática docente.

Este relatório se divide em mais quatro seções: metodologia, na qual contextualizamos o *locus* de nosso trabalho, a saber uma escola pública de Campina Grande-PB; referencial teórico, em que apresentamos pressupostos acerca da formação inicial, concepções de ensino e de língua para teóricos e documentos norteadores da educação; análise e discussões, em que descrevemos e analisamos cinco aulas de regência; e considerações finais.

## **METODOLOGIA**

O *locus* de nossa regência foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Antonino, localizada na Rua Carlos Alberto Souza (Bodocongó, Campina Grande - Pb). A instituição funciona em horário regular e atende ao público do 6º ao 9º ano. Nossas

aulas destinaram-se a uma turma de 7º ano, matutino, composta por 40 alunos de faixa etária entre 12 e 15 anos. Assumimos a disciplina de Língua Portuguesa, em duas aulas semanais de 45 min cada, realizadas às quintas-feiras. Nossa Sequência didática foi desenvolvida em cinco encontros, que foram acompanhados pela professora regente da turma e, ocasionalmente, pela professora orientadora vinculada à UEPB.

Optamos por planejar nossas aulas a partir da sequência didática, pois concebemos que, a partir dela, seja possível refletir e alimentar o senso crítico dos alunos e lhes apresentar as funções sociais de textos opinativos, que circulam em variados setores. Além de incentivar a leitura e a prática da escrita, o nosso objetivo foi fazer com que os alunos não apenas conhecessem o gênero, mas obtivessem a capacidade de manuseá-lo, para isso escolhemos trabalhar a estrutura macro e micro do gênero comentário crítico.

Cabe ressaltar ainda que nossa regência foi direcionada à abordagem do conteúdo linguístico transitividade verbal. Buscamos, então, trabalhar esse tópico com vista não apenas na classificação de verbos quanto à transitividade, mas na compreensão e reflexão dos usos. Assim, recorreremos às ocorrências verbais dentro dos gêneros textuais/discursivos, por entender que os usos são motivados por fatores extralinguísticos. Dessa forma, um falante faz escolhas de como representar os argumentos exigidos pelos verbos e essas escolhas provocam efeitos de sentido, por vezes, distintos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Seguindo o pensamento benvenistiano, o ser humano não se desassocia da linguagem oral e/ou escrita, visto que, por fazer parte da sua natureza, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (Benveniste, 2005, p. 286). A assunção de tal pensamento no contexto educacional, a partir da possibilidade de que o aluno construa uma representação do que sejam as suas habilidades e competências sociais, só se efetivará “[...] se as atividades escolares lhe oferecerem uma rica convivência com a diversidade de textos que caracterizam as práticas sociais” (PCN, p.16).

Faz-se necessário que a escola proporcione o desenvolvimento de habilidades constitutivas por meio do contato com diversos gêneros textuais que circulam na sociedade, construindo assim novas práticas de ensino. Isso possibilita ao discente aprender novas linguagens e novas experiências.

No Brasil, há documentos que norteiam o trabalho do professor. Em relação ao ensino de língua(gens) a BNCC organiza-se em quatro campos, são eles: Campo artístico-literário, Campo das práticas de estudo e pesquisa, Campo jornalístico-midiático e Campo de atuação na vida pública. Essa organização, dá-se por contemplar dimensões formativas do uso da língua no cotidiano do usuário. Uma de suas funcionalidades é orientar a seleção de gêneros textuais diversos, uma vez que o documento centraliza sua prática no texto. Prática justificada por influência dos PCN's e de autores como Geraldí.

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (Brasil, 2017, p. 67)

Junto aos campos, o documento dispõe as habilidades e os objetos de conhecimento em eixos de práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção de textos e análise linguística/semiótica. Eixos antes já consagrados em outros documentos da área. É válido mencionar que os eixos do documento não devem ser visualizados e/ou trabalhados de maneira isolada, pois é importante que o ensino da língua esteja em constante diálogo entre os eixos. A frente detalharemos cada eixo, com o objetivo de particularizar e evidências suas especificidades.

A língua e as linguagens são espaços de construção de sentidos, no jogo de interação entre os sujeitos. Sendo assim, a leitura sempre é um jogo interativo, pois permite ao leitor construir e partilhar significações, uma vez que o texto é um evento sociocomunicativo que toma forma dentro de um processo interacional. Destarte “Todo texto é um resultado de uma coprodução entre interlocutores e o que distingue o texto escrito do texto falado é a forma como tal produção se realiza” (KOCH e ELIAS, 2012, p.13). Portanto, a concepção de leitura não é restrita ao texto escrito, mas deve abranger as construções multimodais, principalmente ao considerar a valorização do conhecimento prévio, o pensamento crítico e criativo, o repertório cultural, a diversas comunicações, a cultura tecnológica e suas realizações e a argumentação, dentre outras competências apontadas pela BNCC (2017).

Os elementos gráficos - as palavras e os sinais- sozinhos não representam tudo o que é preciso entender no texto, entretanto, tomando o pensamento de Koch e Elias, ao postularem o texto como um evento sociocomunicativo, as unidades linguísticas, mesmo as menores, são pistas significativas do autor para estabelecer compreensões.

Por isso, esses códigos presentes na superfície do texto são imprescindíveis para a construção de sentidos, mas não são os únicos. Para tanto, a BNCC (2017) enfatiza que o trabalho com a leitura deve caminhar no sentido de possibilitar ao aluno o contato com diversos textos e promover as capacidades básicas para localizar dados linguísticos e discursivos em diferentes contextos e possibilidades de interpretações.

Na perspectiva da BNCC (2017), as habilidades de leitura são aprimoradas não de maneira geral ou descontextualizadas da realidade do aluno, mas por meio do contato com gêneros textuais que circulam socialmente nos diversos campos das atividades humanas. Logo, a interligação entre os eixos faz-se necessária, especialmente, na construção de relações entre os conteúdos e as vivências particulares e sociais do grupo de alunos, na medida que “as habilidades operam de forma articulada. Dado o desenvolvimento de uma autonomia de leitura em termos de fluência e progressão.” (BNCC, 2017, p. 76). Por conseguinte as demandas cognitivas aumentarão conforme a progressão escolar e social do sujeito.

O estudo do texto, consoante a Base, não pode se distanciar das práticas de leitura e análise linguística/semiótica, já que a produção de textos demanda conhecimentos estruturais, estilísticos e característicos dos gêneros textuais diversos, relacionando-o a interações e autorias com diferentes intuitos. Desse modo, o texto não é um produto acabado e engessado, todavia é uma constante operação de elaborar e reelaborar etapas, que perpassa por leituras, planejamentos, estudos linguísticos e semióticos e revisões, e ainda assim, ao chegar no momento final abrirá possibilidades para futuras modificações. É uma ação processual e inacabada.

Neste eixo, além do desenvolvimento de habilidades linguísticas textuais, o aprendiz fica envolto de competências socioemocionais - CG 9 e CG 10. Ao colocar-se como autor, o aluno desenvolve habilidades importantes como a resiliência, cooperação e autonomia, além de aprimorar a capacidade de pesquisar, dialogar, e cooperar. A responsabilidade, o autocuidado e a cidadania são pontos fundamentais em muitos gêneros, e esses aspectos corroboram para a inversão da flecha que Geraldi (2010) apresenta.

Por fim, é válido mencionar que o documento norteador de 2017, apresenta inúmeras referências em relação aos novos moldes comunicativos tecnológicos. É explícito a importância de o estudante contemporâneo ao “atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos da cultura digital” (BNCC, 2017.p 14). A Base demonstra a relevância de a escola promover produções de textos escritos, orais e

multissemióticos com novas práticas e suporte. Mesmo que muitas escolas não tenham estruturas para essas práticas, torna-se urgente novas estratégias, pois a escola não pode ser vista como uma “Tábua de salvação” como diz Geraldi (2010, p. 91), mas como um espaço de possibilidades.

Na BNCC, o eixo de análise linguística/semiótica envolve propostas de trabalho não mais voltadas para as pequenas estruturas da língua, mas toma o texto como ponto de partida para analisar os objetos linguísticos. Posto isto, é importante mencionar que comungamos da concepção de Bezerra e Reinaldo (2020) que certificam que a Análise Linguística é múltipla, ampla e abrange conhecimentos internos e externos da língua e do meio em que o discente socializa. Assim, alinhando-se à perspectiva das autoras, concebemos a Análise Linguística (doravante, AL) como uma proposição analítica que denomina uma nova concepção de investigação do sistema linguístico em contexto educacional. Assim como frisa a BNCC (2017).

O Eixo da Análise Linguística/Semiótica envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido. (BRASIL, 2017, p. 80)

De acordo com Mendonça (2006), o termo surge com o intuito de promover, por um novo ângulo, o tratamento escolar dos fenômenos gramaticais, textuais e discursivos. Por esse viés, a AL tornou-se, dentro e fora da academia, uma proposição imprescindível e de caráter inter/transdisciplinar. Como já supramencionado, os eixos se interligam e, por esse fator, a AL junto a Semiótica promovem reflexões efetivas utilizando textos multissemióticos.

Nesse sentido, o eixo de Análise Linguística/Semiótica enfatiza procedimentos de análises envolvendo a oralidade, leitura e produção de textos. Para tanto, partindo da perspectiva de Geraldi (1984), o texto não pode ser mais considerado como produto para identificar aspectos morfossintáticos, mas como unidade e objeto de ensino, explorando o texto em seus mais diferentes níveis.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A correlação do funcionamento entre a linguagem e a prática educacional na compreensão dos usos linguísticos dentro da materialização discursiva alinha-se à noção

de sequência didática como forma de desenvolver habilidades em sala de aula. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, e tomando essa organização é possível levar o aluno a ler, escrever e falar de maneira adequada em uma dada situação comunicativa, o que buscamos promover durante esse estágio.

No encontro inicial, realizado no dia 05 de outubro de 2023, utilizamos os primeiros minutos para nos apresentar e conhecer os alunos, tendo em vista a importância de criar um ambiente favorável para a convivência. Por entender a realidade dos alunos durante o período pandêmico e constatar, nas pesquisas, o aumento na desigualdade entre os sujeitos, escolhemos trabalhar com a temática *desigualdade social*. Prontamente, iniciamos a aula explicando que os seres humanos se comunicam de variadas maneiras e que essa variação na comunicação se materializa em gêneros textuais, os quais utilizamos no nosso cotidiano. Fizemos questionamentos a respeito dos gêneros que eles mais usam.

Passado esse momento, entregamos cópias com dois textos; uma notícia e uma charge, ambos versando sobre a temática social escolhida. Fizemos uma leitura compartilhada da notícia que tinha como manchete *A pandemia agravou desigualdades na área da educação, dizem especialistas*, da Agência Câmara de Notícias. Após a leitura, debatemos a temática e a estrutura do gênero. Logo em seguida, lemos e debatemos a charge, e conduzimos os alunos a fazerem ligações e distinções entre um gênero com uma linguagem formal e outro com uma linguagem multimodal.

Aproveitamos o engajamento dos alunos com o debate e começamos uma revisão sobre a classe gramatical Verbo, pois achamos necessário para as discussões futuras. Montamos no quadro um mapa mental com as informações que colhemos dos alunos e as informações que íamos passando. Foi perceptível o razoável conhecimento dos discentes a respeito desse tópico gramatical, então voltamos ao texto e fomos apontando e questionando os alunos acerca dos verbos presentes em alguns trechos da notícia e da charge. Enfatizamos tanto a importância sintática quanto a importância semântica que aqueles verbos empregavam nas estruturas. No final, os alunos fizeram uma atividade de análise linguística, contemplando o plano discursivo e linguístico dos textos discutidos.

O segundo encontro, marcado por significativas participações, aconteceu no dia 19 de outubro de 2023. De acordo com a professora titular, os alunos tinham uma certa

familiaridade com as tirinhas da Mafalda, então resolvemos trazê-la. Para iniciar, relembramos as discussões da aula passada, momento que pudemos comprovar um bom aproveitamento do que foi passado.

Foi contemplada, inicialmente, a tirinha de Mafalda. Depois da leitura coletiva começamos a provocá-los sobre os explícitos e implícitos presentes no texto e, como esperado, o assunto desigualdade veio à tona. Explicamos a finalidade do gênero tirinha e enfatizamos a importância dos elementos não-verbais para a construção de sentidos. O debate foi produtivo, eles argumentaram e evidenciaram seus conhecimentos de mundo, além de testemunharem acontecimentos de que tiveram conhecimento.

Adiante, os questionamos sobre a definição de sujeito e predicado. Entendemos que para tratar dos argumentos internos é preciso relembrar alguns tópicos. Então, com a ajuda dos alunos, fomos dispendo no quadro as informações pertinentes e compondo definições. Em seguida, utilizando as anotações do quadro e o texto para interligar teoria e uso linguístico. No final, foi realizada a atividade II, que retomava tudo o que foi tratado durante a aula.

Após relembrar definições importantes como a classe dos verbos e o funcionamento sintático do sujeito e predicado, chegamos ao conteúdo da nossa sequência, a saber: Transitividade verbal, no encontro realizado em 26 de outubro de 2023. Como anteriormente, iniciamos a aula relembrando os conceitos vistos até aquele momento, desta vez utilizamos o livro didático para fazer a revisão. Coletivamente, e de maneira oral, respondemos uma atividade do livro que resgata os conteúdos anteriormente expostos e abre espaço para entrar na transitividade verbal.

Logo, apontamos, utilizando construções retiradas da transcrição do jogo de futebol presente no livro, as exigências que os verbos fazem para completar o sentido na sentença. Adiante, usamos o quadro para pôr os pontos referente a transitividade verbal, detalhamos que há verbos com sentido completo, os intransitivos, como também aqueles que demandam complementação, seja de forma direta, indireta ou até os dois juntos. Aproveitamos e frisamos que a GT denomina esse complemento de Objeto direto e indireto. Explicamos cada um deles e pedimos para que os alunos falassem as orações que pudessemos encontrá-los.

O debate foi muito proveitoso, além dos alunos exporem seus conhecimentos sobre o mundo esportivo, ainda contribuíram com as exposições, sempre fazendo ligações com os conteúdos já vistos. Por fim, concluímos o encontro com uma



atividade de análise linguística presente no livro.

O encontro IV, realizado no dia 16 de novembro de 2023, foi iniciado retomando o conteúdo trabalhado na aula anterior. Dessa forma, fizemos questionamentos acerca do conceito de verbo, sujeito e predicado. Lembramos ainda que o verbo é um predicador por excelência e, por vezes, exige argumentos que completem seu sentido. Com isso, revisamos o conteúdo de transitividade verbal.

Logo após, apresentamos a proposta de produção textual. Para isso, levamos um exemplo do gênero comentário crítico interpretativo, que foi discutido em sala de aula. O gênero versava sobre padrões de gênero socialmente construídos e tinha como texto base uma tirinha do ilustrador Alexandre Beck, que também foi apreciada no encontro. O diálogo com a turma mostrou-se bastante produtivo, na ocasião, promovemos uma prática de leitura em que os alunos trouxeram seus conhecimentos de mundo para colaborar com a produção de sentido do texto. Abordamos também os aspectos estruturais do texto, como está organizado em introdução, desenvolvimento e conclusão, além das questões de cunho linguístico, como o uso da variedade padrão do idioma.

A partir disso, iniciamos a discussão da tirinha sobre a qual o texto dos alunos seria produzido. Tendo em vista a temática abordada nas demais aulas, a tirinha escolhida também tinha como tema a desigualdade social e as consequências da pandemia no âmbito da educação. Os alunos mostraram-se bastante participativos na discussão, expuseram como vivenciaram o contexto pandêmico e o que isso acarretou na aprendizagem escolar. Em seguida, orientamos a produção do comentário e reservamos 35 min para que o produzissem. Acompanhamos toda a produção, atendendo aos alunos individualmente.

No encontro V, realizado no dia 23 de novembro de 2023, houve a necessidade de ministrarmos a aula na biblioteca, devido aos recursos digitais que utilizamos e também pelo local favorecer uma ambientação mais atrativa para a socialização do gênero textual/discursivo. Inicialmente, relembamos o conteúdo e o tema social que vínhamos abordando durante o percurso.

Após isso, como elemento motivador, apresentamos aos alunos o videoclipe Canção Infantil, do rapper Cesar MC, pedimos que atentassem não apenas para a letra da música, mas também para os aspectos não-verbais. A partir disso, desenvolvemos uma prática de leitura, discutimos a composição da letra, que apresenta uma intertextualidade com os contos de fadas clássicos, pondo em foco uma crítica social

acerca da desigualdade, da violência policial, do racismo e do genocídio contra a população negra. Discutimos também que Cesar apresenta situações reais, que, haja vista as vivências do cantor, fazem parte do seu contexto. Os alunos colaboraram com a discussão efetivamente.

Adiante, iniciamos a socialização do gênero produzido por eles, lembrando sempre que a escrita desenvolve-se de modo processual. Dessa forma, em uma produção é preciso que haja a reflexão sobre a escrita, que não é algo acabado e demanda também que seja refeita. Assim, antes de distribuir as produções corrigidas individualmente, escolhemos alguns textos para serem discutidos, a fim de os aspectos que atenderam à proposta pedida e também atentar para pontos que se repetiram nas produções e podem ser melhorados. Sendo assim, abordamos o conteúdo da produção, a estrutura e a construção linguística do texto.

Por fim, finalizamos nossa aula agradecendo aos alunos e a professora regente pela experiência proporcionada, como também ouvindo o feedback dos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do exposto neste relatório, pode-se dizer que a prática docente se estabelece em uma relação de teoria-prática-reflexão. Desse modo, percebe-se a necessidade de uma boa formação inicial e continuada do profissional docente, haja vista que é por meio disto que ele poderá inteirar-se sobre os estudos emergentes e ser também um pesquisador, promovendo uma educação crítica. Ademais, para além de formação teórica o professor necessita de condições reais para que possa mediar ações efetivas de produção de conhecimento.

Compreendemos também que, embora as teorias linguísticas e documentos oficiais norteadores da educação abordarem a importância do ensino de modo reflexivo, por isso em prática ainda enfrenta diversos percalços, haja vista que nem sempre são disponibilizadas condições para que o professor o faça. Mesmo que tenhamos buscado nos pautar nesse ensino mais dialógico, há de se refletir que lidamos apenas com uma turma em um curto período de tempo, situação divergente da professora regente, que nos relata a exaustão de sua carga horária. Ainda assim, acreditamos que nossa experiência tenha alinhado os pressupostos teóricos às ações docentes, pois não só expôs uma problemática social, mas também desenvolveu uma atividade de

intervenção, que concebemos como oportuna para o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/SEF, 2017.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). **Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; AUGUSTA, Maria. **Análise linguística: afinal a que se refere?**. Cortez Editora, 2016.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Seqüências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado das Letras, p. 81-108, 2004.

GERALDI, João Wanderley et al. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

Geraldi, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. Pedro & João Editores, 2010.

KOCH, I; ELIAS, V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

MENDONÇA, Márcia. **Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto**. In: MENDONÇA, M.; BUNZEN, C. Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Oralidade e letramento**. In: Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 25.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa, SILVA, Tomás Tadeu da. **Currículo, cultura e sociedade**. 2 ed. revista – São Paulo: Cortez, 1995.

RODRIGUES, Linduarte Pereira; DANTAS, Maria Aparecida Calado de Oliveira. **Gêneros orais e ensino: entre o dito e o prescrito**. Linha D'água (online), São Paulo, v. 28, n. 2, p. 137-153, dez 2015.